

FONTE : 33CLASS. : 23DATA : 19 4 89PG. : 13

Carajás rejeitam a municipalização da ilha do Bananal

GOIÂNIA — Quatro caciques carajás e outras lideranças das aldeias da ilha do Bananal estão desde ontem em Goiânia, de onde seguem sexta-feira para Miracema do Norte, sede provisória do governo do Tocantins, para protestar contra a municipalização da ilha. O protesto será feito em audiência sábado de manhã com o governador Siqueira Campos.

O anúncio da municipalização foi feito pelo secretário da Fazenda do estado do Tocantins, Renê Pompeu de Pina, o mesmo homem que há sete anos, na Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco), começou a construir uma rodovia cortando a ilha do Bananal ao meio, para servir a alguns fazendeiros do nordeste de Mato Grosso, inclusive a ele próprio, proprietário de terras na região.

Na época, os protestos contra a construção da rodovia foram liderados pela então diretora de Parques do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), Maria Teresa Pádua Jorge, que pouco depois se demitiu do cargo. Mas a rodovia foi sustada e a ilha manteve as condições de sua doação à União pelo Estado de Goiás — isto é, que fosse mantida exclusivamente parque nacional e parque indígena.

Bananal é a maior ilha fluvial do mundo, com 2 milhões 150 mil hectares, e divide-se em duas partes. Além do Parque Indígena do Araguaia, onde vivem cerca de três mil índios carajás e javés, divididos em sete aldeias, que é a parte mais extensa (1 milhão 650 mil hectares), existe o Parque Nacional do Araguaia (500 hectares). Agora, com o início da municipalização — que significará prefeitura, repartições e outras burocracias — os índios temem perder um domínio mantido durante 300 anos. No Bananal moram também alguns colonos, que, segundo o cacique Renoá, carajá, convivem pacificamente com os índios.